



ÁREAS VERDES E CONCEITO DE LUGAR: PARQUE BELA VISTA NO MUNICÍPIO DE PONTA GROSSA (PR)

Adriana Gelinski

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Edvanderson Ramalho dos Santos

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar qual a percepção dos moradores sobre as áreas verdes e as relações dos sentimentos desses em relações a suas vilas, recortando para análise o Parque Bela Vista, situada na periferia do município de Ponta Grossa (PR). Este estudo faz parte de um projeto da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa que pretende implementar áreas verdes nas periferias da cidade. Assim, este artigo aborda o histórico da referida vila, discussões sobre a importância das áreas verdes nos centros urbanos e os conceitos de lugar, topofilia e topofobia. A metodologia é de caráter qualitativo e pretende dar voz aos sujeitos, a fim de compreender suas crenças e sentimentos em relação a suas vilas e as áreas verdes. As técnicas de coletas de dados englobam questionários, entrevistas e saídas a campo. Os resultados parciais revelam que na referida vila foram identificados sentimentos de topofilia e topofobia simultaneamente. O sentimento de topofilia se dá em relação às condições materiais atuais, por conta da melhoria na infraestrutura da vila. Por sua vez, os sentimentos de topofobia dizem respeito à falta de cuidados com as áreas verdes e a falta de lugares coletivos, e um maior “embelezamento” do bairro. Desta maneira, tem-se por hipótese, que no estado atual da pesquisa, as áreas verdes têm potencial para contribuir para a qualidade de vida dos moradores da referida vila e despertar nestes o sentimento de lugar com relação a essas.

Palavras-chave: áreas verdes; lugar; topofilia; topofobia; bairros.

Abstract

This article aims to analyze the perception of residents about the green areas and the relationships of these feelings in relationship to their villages, cutting analysis for the Bela Vista Park, located on the outskirts of the city of Ponta Grossa (PR). This study is part of a project of the Municipality of Ponta Grossa you want to

implement green areas on the outskirts of the city. Thus, this article focuses on the history of this village, discussions about the importance of green areas in urban centers and the concepts of place and topophilia topophobia. The methodology is qualitative and aims to give voice to the subjects in order to understand their beliefs and feelings about their villages and green areas. The techniques of data collection include questionnaires, interviews and exits the field. The partial results show that in said town were identified and feelings of topophilia topophobia simultaneously. The feeling of topophilia occurs in relation to material conditions today, due to the improvement in the infrastructure of the village. In turn, feelings of topophobia concern the lack of care of the green areas and the lack of collective seats, and a larger "beautification" of the neighborhood. Thus, there is a chance that the current state of research, green areas have the potential to contribute to the quality of life of the residents of this village and these awaken the sense of place in relation to these.

Keywords: Place; topophilia; topophobia; neighborhoods.

INTRODUÇÃO

Explorando as áreas verdes observa-se que são importantes para as relações sociais, ambientais e estéticas. Desta maneira, elas podem contribuir para o embelezamento das vilas, dos bairros e das cidades, transformando esses em lugares agradáveis de viver. Tem-se ainda a hipótese, que elas despertam sentimentos de enraizamento dos moradores com as suas respectivas vilas, aumentando o sentimento de topofilia desses em relação ao ambiente de moradia, potencializando o sentimento de lugar.

Por conta disso, a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa pretende implantar projetos para efetivar áreas verdes na cidade. Porém, Denise Jodelet (2007) sublinha que toda intervenção requer o diálogo com os saberes e as representações sociais das comunidades, para que estas possam elaborar juntos esta intervenção. Assim, essa autora salienta que:

Toda intervenção social cujo objetivo é a transformação do social, depende das potencialidades dos grupos entre os quais se destacam seus saberes. Toda intervenção centrada na mudança da realidade social implica uma valorização dos saberes populares, a necessidade imprescritível de tomar em conta esses saberes na interação entre os pesquisadores e os grupos sociais (JODELET, 2007, p.53)

A partir disso, se pergunta: Qual a percepção dos moradores sobre as áreas verdes? Que sentimentos essas despertam nos moradores? Para os moradores, a

vila possui as características de lugar, despertando enraizamento e a afetividade em relação a esse? As áreas verdes poderiam ser um elemento que potencializa e melhora as relações sociais na vila? A partir dessas problematizações, este artigo teve por objetivo analisar qual a percepção dos moradores sobre as áreas verdes e as relações dos sentimentos desses em relações a suas vilas. Delimitou-se o Parque Bela Vista, situado no Município de Ponta Grossa, como recorte de análise.

Tem-se por hipótese que moradores possuem identificação com as espacialidades bem cuidadas, as quais terão mais características de lugar para as pessoas que ali residem. Sendo assim, ao residirem em um bairro esteticamente bonito, resulte na melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Vale lembrar que esta pesquisa, se enquadra num contexto do projeto desenvolvido pelo Departamento de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Nesse projeto a prefeitura pretende melhorar essas áreas, implementando áreas de parques e espaços de lazer nelas. Para tanto, esta pesquisa pretende contribuir na medida em que busca dialogar e compreender as percepções dos moradores relativos às áreas verdes e a possível influência dessas no potencial de aumentar a identificação e os valores afetivos da vila junto aos moradores, ou seja, averiguar se as áreas verdes contribuem para que os moradores vejam sua vila como um “lugar”.

PARQUE BELA VISTA, ÁREAS VERDES E O CONCEITO DE LUGAR

Histórico do Parque Bela Vista

O processo de ocupação do Parque Bela Vista aconteceu aproximadamente no ano de 1995, onde foram ocupadas cerca de 70 casas de maneira desordenada. Um ano antes em 1994, onde se situa a vila hoje, houve a desapropriação amigável dos antigos donos desse terreno o qual foi concedido ao município de Ponta Grossa (PR).

No ano de 1996 houve a reurbanização e realocação das famílias, instaurada pelo Departamento de Assuntos Comunitários (DEPAC) com a Secretaria Municipal de Administração de Negócios Jurídicos (SMANG) e o Departamento de Patrimônio, onde foram abertas as ruas e delimitados os lotes das áreas públicas. Porém, um ano depois o local sofreu uma nova reocupação popular que minou os projetos anteriormente planejados.

A infraestrutura após a reocupação foi bastante precária. Inclusive algumas casas eram de lona e não possuíam serviços básicos como água, luz, esgoto e coleta de lixo. Com o passar dos anos as condições materiais foram melhorando e hoje todas as casas possuem os referidos serviços básicos.

Assim, atendendo a necessidade dos moradores do Parque Bela Vista, a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa implementou no ano de 2010 o projeto para legalização desses lotes. Esta se estruturou através da concessão de uso especial para fins de moradia ou compra e venda do lote, como instrumento da política urbana. Para que a legalização acontecesse, o Departamento de Patrimônio contou com ajuda dos estagiários do curso de Geografia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), os quais realizaram visitas a campo, conversas com os moradores, cadastro socioeconômico para futura legalização dos lotes e outras ações.

Tal concessão foi regulada pela medida provisória de nº 2.220, do ano de 2001. Essa foi estruturada de acordo com o parâmetro dos instrumentos para a gestão democrática das cidades, sendo que os municípios a tem como um caráter obrigatório, como descrito no Estatuto das Cidades, Lei nº 10.257/2001.

Áreas Verdes: Usos e Funções

Os espaços verdes têm ganhado grande importância ao longo dos anos nas cidades, pois se tornou um local de relações sociais. Tornaram-se também uma forma de preservar o meio ambiente, por menor que seja essa área. Ele ainda é uma maneira de 'embelezamento' da vila, do bairro e da cidade.

A mais antiga manifestação em termos de paisagismo no Brasil ocorreu na primeira metade do século XVII em Pernambuco, durante a invasão holandesa governada pelo Príncipe Maurício de Nassau. É certo que já antes da expulsão dos holandeses, "pouco ou nada sobrou dessa iniciativa, exceto a grande quantidade de laranjeiras, tangerinas e limoeiros espalhados em todos os trajetos das campanhas de invasão" (LOBODA e DEANGELIS, 2005, p.129).

No Brasil a presença de praças e largos vem de longa data, remontando aos primeiros séculos da colonização. Sobre esses espaços recaiam as atenções dos administradores, pois constituíam pontos de atenção e focalização urbanística, localizando-se ao redor da arquitetura de maior apuro, já que esse era o local de maior concentração da população (REIS FILHO, 1968).

As áreas verdes são definidas de várias formas, podendo ser classificadas desde uma área com vegetação arbórea, como um espaço livre ou uma área para conservação da natureza. Desta forma Llardent (1982, p. 151) conceitua as seguintes expressões: Zonas verdes, espaços verdes, áreas verdes, equipamento verde. Para ele estas expressões designariam "Qualquer espaço livre no qual predominam as áreas plantadas de vegetação, correspondendo, em geral, o que se conhece como parques, jardins ou praças".

Já para Milano (1988) as coberturas arbóreas dos espaços abertos ou coletivos são um importante setor da administração pública, tendo em vista a facilidade de

supressão da cobertura arbórea das áreas privadas urbanas. Para esse autor, tais áreas dividem-se em dois grupos: as áreas verdes e arborização urbana.

Outro autor que discute o conceito de áreas verdes públicas urbanas é Pereira Lima (1994):

Onde há o predomínio de vegetação arbórea, englobando as praças, os jardins públicos e os parques urbanos. Os canteiros centrais de avenidas e os trevos e rotatórias de vias públicas que exercem apenas funções estéticas e ecológicas, devem, também, conceituar-se como área verde. Entretanto, as árvores que acompanham o leito das vias públicas não devem ser consideradas como tal, pois as calçadas são impermeabilizadas (LIMA, 1994)

Para Guzzo (1999, p. 1-2) é possível ainda considerar três papéis para áreas verdes: ecológica, estética e social. A função social esta relacionada com os aspectos de interação e lazer dos cidadãos. Já a ecológica tem como função minimizar os efeitos e impactos que a industrialização vem causando nas cidades. Pode-se dizer que é uma forma de suavizar o ambiente, onde moradores ou pessoas que passam por esses locais com vegetações se sintam melhores, ao passo que seu stress seja diminuído. E finalmente a estética tem a função de integrar as áreas construídas e as de circulação harmonicamente.

Destacam-se também os espaços verdes nas cidades como amenizadoras do stress. Segundo Sitte (1992, p. 167) são essenciais para a saúde, para o êxtase de espírito, que encontram repouso nessas paisagens naturais espalhadas no meio da cidade.

Portanto são inúmeras as funções das áreas verdes nas cidades. Elas podem atuar como filtradoras da poluição, agindo de forma a incentivar as relações sociais, ajudando no clima das cidades, contribuindo na fertilidade e permeabilidade dos solos e nas mudanças estéticas no entorno dos grandes edifícios (SITTE, 1992).

O LUGAR E OS SENTIMENTOS DE: TOPOFILIA E TOPOFOBIA

O lugar sempre foi um conceito-chave discutido no cerne da Geografia, porém sob o espectro de diversas abordagens e olhares específicos que não conseguiram mostrar a sua amplitude resultante da multiplicidade de interconexões entre o homem e o ambiente (STURZA e MACHADO, 2005).

Desta maneira, apóia-se no conceito de Tuan (1983) sobre lugar, pois ele conseguiu abranger toda sua riqueza e complexidade inerente a ele, analisando a importância das relações afetivas, sentimentais, sociais para definir seu conceito. Para este autor, o lugar é algo afetivo, regado de sentimentos e lembranças harmoniosas. Tuan ainda argumenta que o lugar representa um receptáculo de lembranças e permanência carregadas e vivenciadas pelo homem. É um arquivo de lembranças afetivas e realizações importantes que inspiram para viver o presente.

O lugar pode se manifestar em diversas escalas: a casa, o bairro, cidade, país, etc. Na escala do bairro/vila, este é considerado pelos planejadores apenas como um “conceito intelectual” (TUAN, 1983, p. 188). Entretanto, não é assim percebido pelos moradores, que consideram uma parte íntima e experienciável, a começar pela rua onde moram. A identificação do bairro/vila como lugar depende da experiência afetiva e emocional de cada habitante e do grupo na convivência social em festas, visitas, jantares, entre outros, assim como na dinâmica dessa estrutura espacial.

Já na escala da cidade, representada hoje pelo caos, o sentido de lugar mudou. No passado ela significava a “ordem, a liberdade e a glória” (TUAN, 1983, p. 288), pois conseguia abrigar uma população atendendo, de certo modo, as necessidades e expectativas humanas e representando um local de convívio harmonioso nas relações sociais e nas relações entre o homem e o ambiente urbano. Porém, atualmente as funções econômicas aumentaram, causando certo abafamento em valores que no passado eram mais preservados. Ralph (1976) denomina esse processo de desenraizamento, influenciado pela questão econômica, como “deslugar” ou “não lugar”.

Tuan (1983) estudou as funções econômicas, políticas e religiosas de algumas cidades (Ch’ang-an e Hang-Chou, Atenas, Roma, Londres e Los Angeles). O autor comenta que “as funções econômicas se multiplicaram e abafaram a identidade religiosa da cidade” (p.192), de forma que nos Estados Unidos as cidades novas precisaram fazer uma propaganda estridente para atrair negócios e promover a fama.

Para isso criou-se uma imagem impressionante fundamentada em cognomes (títulos ou alegorias) como “a maior”, “a mais central” e “a mais adiantada”. Assim, é apregoado o sentido de “orgulho individual ou coletivo que emerge do exercício do poder” (p.194). O autor conclui que a cidade é um “conceito abstraído como imagem e símbolo, enquanto o bairro é mais experienciado” (p. 259).

O autor ainda salienta sobre dois conceitos fundamentais para se entender a idéia de lugar: topofilia e topofobia.

O sentimento de Topofilia despertaria sentimentos de enraizamento e lembranças. É a relação e o envolvimento do meio material ou meio ambiente com o ser humano, sendo esse meio cheio de simbolismo e sensações positivas ao indivíduo. Seriam percepções adquiridas ao longo do dia-dia ou com o passar

dos anos. Exemplo: um jardineiro que trabalhou sua vida toda com plantas, árvores e flores adquirirá o sentimento de topofilia pelo meio ambiente. Sentimento esse que foi aumentando dia a dia e atualmente, mesmo depois de aposentado, ele poderá dizer com certeza que ama as plantas. Pois, estas trazem para ele uma série de lembranças de afetividade. O sentimento pode ser também fonte de conhecimento e de identificação entre o homem e o lugar, pois a sensibilidade é produtiva e o cerne da aprendizagem humana.

Por sua vez, o sentimento de topofobia estaria relacionado com lugares que despertam aversão, medo ou sentimentos negativos em relação aos sujeitos. Por exemplo, se as condições ambientais de determinada vila são degradadas, podem despertar sentimentos de aversão dos moradores em ligação a esses, ou seja, topofobia em relação a essas áreas (TUAN, 1983).

Por sua vez, Ralph (1976) analisa o processo que ele chama de deslugarização ou não-lugar. Para esse autor este processo se dá pelo sentimento de desenraizamento, de não pertencer ao lugar, onde nada contribui para a identidade do indivíduo e não causa afetividade homem - ambiente. Ralph (p. 80-82) ainda expõe que “não-lugar seria uma atitude ou expressão que se torna cada vez mais dominante, resultante da inautenticidade do homem frente ao lugar que passa a ser construído sem experiências afetivas”, pois privilegia as relações econômicas atuais na sociedade.

METODOLOGIA

A metodologia é de caráter qualitativo e pretende dar voz aos sujeitos, a fim de compreender suas crenças e sentimentos em relação ao seu bairro. As técnicas de coletas de dados englobam questionários, entrevistas e saídas a campo (MACHADO 1988).

O estudo se baseia nas contribuições de Machado sobre a pesquisa qualitativa que pretende revelar as percepções dos sujeitos quanto ao sentimento de lugar. Assim declara o autor que:

Na elaboração do questionário para a coleta de dados, principalmente na estruturação e seleção das categorias de análise (identidade, significado, valores culturais, afetivos, econômicos e responsabilidade) (...) algumas pesquisas têm centrado no sentido de lugar e inúmeros esclarecimentos já foram alcançados sobre os fundamentos orgânicos, afetivos e simbólicos da identificação com o lugar (MACHADO, 1988, p. 233).

Foram realizadas dez saídas a campo exploratórias. Numa primeira, fez-se o reconhecimento da área, observando os locais reservados para serem áreas verdes e a situação geosistêmica da paisagem do bairro. Posteriormente, realizou-se as entrevistas exploratórias com os moradores do bairro. Essas entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado, mas se desenvolveram de maneira flexível.

Atualmente, se está preparando novos materiais para coleta de dados, tais como questionários, que pretendem averiguar os sentimentos de topofilia e topofobia dos moradores em relação ao bairro e entrevistas em profundidade com alguns moradores mais antigos da referida vila.

RESULTADOS

Foram realizadas quinze saídas a campo e aplicadas dez entrevistas exploratórias que nos permitem tecer algumas considerações.

Foi possível perceber o forte orgulho de seu Pedro, sua esposa e filhos, moradores entrevistados, quando falam do passado. Seu Pedro evocou várias questões como o respeito e o zelo com a natureza em geral, ou seja, plantas, flores e árvores. Ele ainda lamentou sobre o atual nível de violência da sociedade em geral. Revelam ainda o sentimento de conformismo e decepção ambos os entrevistados quando falam de aspectos da espacialidade atual, dos jovens (cultura desses seriam mais egoístas e menos preocupados com a natureza), dos vizinhos (que não conservam hábitos corretos em relação ao meio ambiente e a boa convivência) e da questão ambiental.

Outra moradora entrevistada também comenta a ligação que ela tem com o Parque Bela Vista, pois mora a quatorze anos no bairro e já foi possível criar forte enraizamento. Para ela o bairro trás intensas lembranças relacionadas à sua família e nascimento de seus filhos. Comentou dos vizinhos os quais ela tem uma boa convivência, “os vizinhos são gente boa”. E ainda salientou que “lembro do meu menino brincando na rua”. Explana superficialmente a importância das áreas verdes e que no passado era mais cuidada: “antes eram mais cuidadas as plantas, as árvores, o riozinho era limpo, agora está todo sujo”.

Por fim foi possível notar a satisfação por ter participado da legalização de seu lote. Enfatizou que houve grande progresso nas condições materiais da vila, mas por outro lado, houve um decréscimo do cuidado dos moradores com a natureza. A falta de cuidados com a vegetação, aumento do desmatamento, poluição dos córregos, arroios e rios seriam alguns dos responsáveis dessa degradação ambiental. Esses advêm de atitudes egoístas do homem, causadas pela falta de identificação comum e do senso de coletividade.

Portanto observa-se que por um lado as condições materiais eram precárias no passado e a espacialidade possuía forte vínculo afetivo de acordo com as relações sociais e as questões ambientais. A relação homem - natureza era mais próxima, o que causava forte enraizamento local. E agora se observa o contrário: houve uma melhora nas condições materiais, mas por outro lado, os laços afetivos (sociedade em geral - natureza) diminuíram consideravelmente. De acordo com Ralph (1976), observamos assim um processo de deslugar.

Com o passar do tempo o homem perdeu a relação com a natureza, o que tem como consequência, a falta de enraizamento com o lugar, tornando esse artificial. Assim o sentimento de lugar está mais ligado ao sentimento material do que com relações afetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar que Parque Bela Vista estão presentes simultaneamente os sentimentos de topofobia e topofilia dos moradores da comunidade. Observa-se que os moradores têm relações afetivas com a vila, configurando-a como um lugar. Entretanto, esta relação está mais ligada às melhorias das condições materiais do que com relações afetivas. Ou seja, acarretando uma tendência a deslocalização, ou não-lugar, como aborda Ralph (1976).

A partir de tudo isso se notou também que os moradores têm sentimentos de topofilia em relação à natureza e sentem falta da mesma em sua vila atualmente. A partir desse quadro a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, especificadamente o Departamento de Patrimônio, desenvolveu um projeto de realocação de pessoas de áreas de risco e a recuperação dessas áreas verdes, em áreas recuperadas que possibilitem a qualidade de vida e afloramento de topofilia das pessoas com a vila. Tem-se por hipótese, que desta maneira os moradores se sentiriam mais enraizados com o lugar, proporcionando uma melhora nas relações sociais e na qualidade de vida de todos em geral.

Paralelamente a esta pesquisa, desenvolveu-se junto a toda escola municipal do bairro, um projeto de Educação Ambiental, atentando para as questões relativas às áreas verdes mal cuidadas. Entre algumas ações executadas neste projeto, cita-se a recuperação de alguns espaços em áreas verdes e em locais de lazer.

Assim, pretende-se a longo prazo, expandir as ações realizadas no Parque Bela Vista para toda a área urbana da cidade de Ponta Grossa, proporcionando a esta, valor estético, ambiental e social. Por conseguinte, pretende-se colaborar para que se possa fazer da cidade de Ponta Grossa um lugar mais bonito e agradável de viver.

REFERÊNCIAS

GUZZO, P. Estudos dos espaços livres de uso público e da cobertura vegetal em área urbana da cidade de Ribeirão Preto-SP. 1999. 106f. Dissertação (Mestrado em Geociências) Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. 1999.

JODELET, D. Imbricações entre representações sociais e intervenção. IN: MOREIRA, A. S. P.; CAMARGO, B. V. (ORG). Contribuições para a teoria e o método de estudos das representações sociais. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.

LLARDENT, L. R. A. Zonas verdes y espacios libres en la ciudad. Madrid: Closas – Orcoyen, 1982.

LOBODA, C. R.; DE ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência: Guarapuava*, v.1, n.1, p.125-139, jan-jun. 2005.

MACHADO, L. M. C. P. A Serra do Mar Paulista: um estudo de paisagem valorizada. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1988.

MILANO, M. S. Avaliação quali-quantitativa e manejo da arborização urbana: o caso de Maringá PR. 1988. 120f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal), Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1988.

PEREIRA LIMA, A. M. L. et al. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARBORIZAÇÃO URBANA, 2, 1994. São Luiz/MA. Anais... São Luiz: Imprensa EMATER/MA, 1994. p.539-553.

RALPH, E. Place and placelessness. London: Pion, 1976.

REIS FILHO, N. G. Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720). São Paulo: EDUSP, 1968.

SITTE, C. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. Tradução Ricardo Ferreira Henrique. São Paulo: Ática, 1992.

STURZA, J.A.; MACHADO, L.M.C. O sentido de lugar em Rondonópolis – MT e o topocídio do cerrado: uma contribuição aos estudos de cognição ambiental. IN: GERALDI, L.H.; CARVALHO, P. Geografia: ações e reflexões, UNESP, 2005.

TUAN, Y. F. Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

Contato com o autor: dryquinhagelinski@hotmail.com

Recebido em: 17/02/2014

Aprovado em: 06/12/2014